



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: análises, problematizações e debates sobre a visibilidade das mulheres em produções didáticas e escolares

Beatriz Lima Silva de Moraes (1); Franciele Monique Scopeto dos Santos (2)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus VII Codó-Ma / email: direcao_ufmacodo@ufma.br

Resumo: Nossa investigação se orienta em um dos pilares fundamentais do exercício da docência em nosso país, a saber, o livro didático. Buscamos analisar a coleção Mosaico, a qual consiste em livros didáticos de história das séries finais do Ensino Fundamental. A partir das análises, a qual orientou, metodologicamente, na esteira da análise temática de conteúdo. Observamos que a representação das mulheres ganha notoriedade na pesquisa. Justificada pelos estudos de gênero e pela história das mulheres dentro do campo amplo da análise histórica. Sabemos que os historiadores mencionam a história como o estudo das ações humanas no passado e no presente, compreendendo-a como a ciência dos homens no tempo, enxergando-a assim como problema a ser pesquisado. Nosso objetivo foi descrever as categorias presentes no tocante à visibilidade das mulheres no livro didático, a partir das imagens de mulheres contidas nos quatro volumes da coleção destinada ao Ensino Fundamental – séries finais. As representações são muito importantes, uma vez que elas comunicam elementos imprescindíveis para a análise do historiador. Ajudam a pensar paradigmas culturais, sociais e, sobretudo, históricos. Concluímos a partir das análises que há uma presença fundamental e articuladora no tocante ensino de história quando o mesmo se refere, pensa e interpreta a participação das mulheres no fazer e no dever histórico. Percebemos a importância da representação feminina no cotidiano das atividades escolares propostas pelo material didático, para assim, findarmos nossa investigação ressaltando a importância dos estudos de gênero no campo da pesquisa histórica e, sobretudo, no campo do ensino de história.

Palavras-Chaves: Livro didático; Mulher; História.

INTRODUÇÃO.

É notório que o livro didático ocupa um espaço central na prática pedagógica do professor e que ele influencia bastante, enquanto saber sistematizado, na educação formal dos alunos. Essa é uma questão merecedora de atenção, visto que pensar como se trabalha o livro didático em sala de aula implica refletir como estão se formando os cidadãos.

Às vezes, somos levados a pensar o componente curricular como algo fechado

às discussões, sem perspectivas formadoras, distante do apreço à tolerância. A todo tempo muitas pesquisas surgem analisando-o, salientando as eficiências ou ineficiências do livro enquanto ferramenta de trabalho do professor.

O educador, em seu ofício, utiliza tal ferramenta como indispensável ao preparar as suas aulas. É claro que o livro não pode ser apenas isso, visto que pode levar o ensino-aprendizagem como um



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sistema saturado, em que os alunos e professores estão fadados ao método tradicional, sem motivação para aprender e ensinar. É por esses e outros motivos que é possível perceber os estudos sobre o processo de desenvolvimento do sistema escolar brasileiro direcionando a atenção com emprego e o valor que os livros didáticos têm para o ensino de todas as disciplinas escolares.

Entre todas as disciplinas ministradas na escola, a História ganha um espaço de reflexão nesse trabalho. A partir desta compreensão, é possível conhecermos como diferentes sociedades organizam suas vidas, se relacionavam com a natureza.

Conhecer o passado nos permite compreender melhor a realidade em que vivemos. Mas o historiador necessita de fontes. Os documentos não falam por si mesmos. Eles só falam quando são interrogados. Interrogar os documentos significa decompô-los a outros testemunhos. Realizar esse trabalho pressupõe desmistificar os documentos, reconhecendo que eles não são inocentes e imparciais, mas, sobretudo, construções que expressam uma intencionalidade e uma estrutura de poder determinada.

É por isso, que se optou em trabalhar com imagens dos livros didáticos de história do ensino fundamental. Nossa

pesquisa visa a partir das imagens analisar visibilidades das mulheres. Assim, buscam como os autores apresentam as mulheres, em quais conteúdo e temas são destacadas ou citadas, como são citadas e quais mulheres são objetos de representação. A fonte de pesquisa em que nos baseamos para analisar as imagens das mulheres refletem com certeza as preocupações em saber se tais iconografias objetivam alimentar ou romper estereótipos. Para tal, inclinamos nossa análise a partir do conceito de gênero com categoria de identidade visual. A História das Mulheres, enquanto passado, não pode ser modificada. No entanto, o conhecimento histórico construído sobre esse passado está em constante mudança e reelaboração, operados pela descoberta de novos documentos e pelos os acontecimentos posteriores, os quais colocam para o historiador informações e circunstâncias antes desconhecidas. No que se refere à estrutura do presente trabalho, ele é constituído de três capítulos. O primeiro capítulo versará sobre estudos de gênero e história das mulheres: aportes teóricos e conceituais, o segundo a mulher na historiografia: pressupostos teóricos metodológicos e terceiro o livro didático de história: análise sobre a visibilidade da mulher.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta discussão tem por finalidade de se aprofundar na historiografia porque a escolha dos conteúdos e problemas sobre a visibilidade da mulher nos livros didáticos de história devem seguir iluminados pelos problemas que fizeram parte do processo de formação da História.

Daí a necessidade de falar da historiografia de processo de inclusão do estudo das mulheres, bem como as discussões teóricas empreendidas pelos intelectuais em torno dessa realidade e o entendimento da mulher enquanto objeto de estudos considerando-as como autoras na constituição histórica das sociedades. Jurandir Malerba (2006) ao falar da importância da historiografia para o ofício do historiador afirma que

O caráter auto-reflexivo do conhecimento histórico talvez seja o maior diferenciador da História no conjunto das ciências humanas. Embora às vezes nos deparemos com algumas aberrações em contrário, o trabalho do profissional de história exige um exercício de memória, de resgate da produção do conhecimento sobre qualquer tem que se investigue. Não nos é dado supor que partimos de um “ponto zero” [...] (MALERBA, 2005 p. 15).

Entre os primeiros povos, a História reivindicava uma postura de narradora das experiências humanas, afirmadas pelos poetas. Assim, Heródoto tinha uma preocupação em explicar o motivo pelo qual escrevia afirmando que os “feitos”

dos homens não poderiam se perder no tempo, principalmente os realizados pelos Helenos e pelos Bárbaros.

Não se pode deixar de mencionar outro grande homem, Cícero, que proclamou a história como mestra da vida e que de onde veio a concepção de se deveria estudar a história para que entender presente e conceber o futuro. Sabe-se que esse entendimento é difundido até os dias de hoje. Philippe Tétart (2000) corrobora com essa afirmação dizendo que:

Heródoto assinala, portanto, a importância que atribui ao dever memória. Além disso, recusando o heleno-centrismo, destaca a necessidade do conhecimento do outro, elevando assim a história à posição de saber patrimonial e universalista. (TÉTART, 2000, p. 14).

Destarte, foi no século XIX que a ideia de “história mestra” ganhou face de científica, em virtude dos estudos e justificativas de Leopold Von Ranke (RANKE apud BARROS, 2013). Ele tinha como base o positivismo o qual rogava a verdade dos fatos, bem como a neutralidade do historiador. Com essa dinâmica houve um tratamento das fontes onde os documentos eram analisados e interpretados como fidedignos, dotados de verdade absoluta.

Nessa época, a pesquisa histórica se configurava, sobretudo, por sua utilidade política e ideológica e o ofício do historiador



tinha como norte resgatar a verdade dos fatos. É bom enfatizar que nessa época estavam se formados os recém Estados-Nacionais e para tanto era necessário legitimar a formação de nações e por isso era importante a edificação de passados comuns e do tempo histórico padronizados entre os grupos sociais que habitavam determinado território nacional. Nesse contexto, cabe contribuição de José Carlos Reis (1995):

Erudito, baseava-se principalmente nos documento diplomático para fazer história do Estado e de suas relações exteriores [...] Ranke se interessava pela “originalidade” de um povo, de um indivíduo, pela psicologia individual dos grandes homens [...] um hegeliano tímido que escondia suas posições na “objetividade” do método histórico. (REIS, 1995, p. 41).

Assim, adotando a abordagem das Ciências Naturais, a História enquanto disciplina escolar, dotada de objeto e objetivos, teoria e métodos direcionados, principalmente, a fabricação de culturas nacionais.

Evoluindo, foi no início do século XX que as concepções de História, tempo histórico e fonte histórica sofreram modificações pontuais, passando por diversas críticas e intensas contestações. Essas contestações se deram em virtudes dos escritos de Marc Bloch e Lucien Febvre. O primeiro foi influenciado por classes de análises das Ciências Sociais que se tornou um novo horizonte de estudo chamado de

Escola dos *Annales*. Guy Bourd  (1983) faz uma reflexão sobre essa nova escola histórica

Erguendo-se contra a domina o da escola positivista, uma nova tendência historiografia francesa exprime-se bastante discretamente em A Revista de Síntese durante os anos 1920, mais francamente na revista Les Annales durante os anos 1930. A corrente inovadora despreza o acontecimento e insite na longa dura o. (BOURDÉ, 1983 p. 119)

Bloch era contrário ao entendimento de tempo linear e análises que narravam pela sucessão cronológica dos fatos. Foi com essa perspectiva que esse precursor introduziu a permanência na análise histórica, modificando intensamente a forma de pensar a rela o passado-presente-futuro. Ele aceitou que a sociedade   um jogo de intera es e também abriu caminho para sentissem os ritmos de cada uma das partes, verificando aquilo que se mostra em termo de continuidade e mudanças.

A consequência de tudo isso foi o nascimento de novos objetos, novos problemas de novas abordagens sobre os fatos sociais. Não se entendiam mais documentos e institui es oficiais como *locus* principal da análise histórica, nem a história política tradicional como segmento predileto da historiografia.

A revolu o historiográfica transformou o cotidiano social em objeto de investiga o, bem como a natureza, o feminismo, a alimenta o, as práticas de



leitura, os operários, o corpo humano e os temas étnico-raciais foram anunciados como objetos da história. Enfim, a nova História abria-se para investigações na área da história econômica, social e cultural dando ênfase a história de sujeitos coletivos.

Esse foco sugere o estudo de uma sociedade com base em um de seus aspectos particulares. Bloch acreditava que a boa formulação de um problema que se referisse a determinado aspecto da sociedade permitia a revelação das relações históricas mais amplas, nas quais estava inserido.

Daí a necessidade de reforçar nesse capítulo a visibilidade das mulheres dentro de uma perceptiva de longa duração, uma vez que a pesquisa histórica, então, assumiu uma dimensão dialética, na qual a permanência de um aspecto revelava sua mudança, e vice-versa. Ao introduzir os acontecimentos em uma perspectiva de longa duração, os *Annales* permitiram, então, uma relação nova no tempo que passou a ser ordenada por meio da problematização.

Reportando-se a esta questão, vale enfatizar que essa problematização foi de um acontecimento no tempo presente e da interpretação do que esse acontecimento representa em termos de mudanças e permanências na história. Questionar o documento mediante os problemas do mundo tornou-se a operação historiográfica. À luz as

considerações de Peter Burke (1997) é possível perceber que:

Segundo Braudel, a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as “estruturas” estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas. Era impaciente com fronteiras, separassem elas regiões ou ciências. Desejava ver as coisas em sua inteireza, integrar o econômico, o social, o político e o cultural na história total. (BURKE, 1997, p. 55).

Fernand Braudel, outro singular representante de Escola dos Annales, emprestando categorias de análise de áreas como Antropologia, Economia, Sociologia e Geografia, inseriu a ideia de ritmos da temporalidade, dimensionando e diferenciando os eventos que aconteciam no plano imediato (curta duração), no nível conjuntural (média duração) e no estrutural (longa duração).

Diante desse elenco de representante da revolução historiográfica, na década de 1950, principalmente para historiadores ingleses como E.P. Thompson, Raymond Williams e Eric Hobsbawm, experiência e cultura tornaram-se categorias que orientariam os estudos sobre o proletariado.

Foi diante de todo esse processo de inovação dentro da História que a mulher ganhou destaque. Sabe-se que foi através do movimento feminista dos anos 1960 que os olhares para as questões de gênero, direitos



equânimes passaram a ser possibilidade de estudos. Graças também ao empenho de intelectuais da academia que viram a falta de estudos que colocavam a mulher como objeto de estudo, como autora da história. Destarte, é bom enfatizar que a visão existente até então entendia a mulher, dentre outras coisas, associada ao viés religioso proveniente da obra da criação. Como elucida Maria de Fátima da Cunha (2000).

[...] a mulher era percebida como tentadora do homem, aquela que perturbava a sua relação com a transcendência e também aquela que conflitava as relações dos homens entre si. Assim, nessa perspectiva, a mulher passa, então, a ser intimamente ligada à ideia da natureza, à carne, ao sexo, ao prazer, domínios que tinham de ser rigorosamente normatizados (CUNHA, 2000, p.141).

Losandro Antonio Tedeschi (2012) contribui essa realidade de como a mulher era vista, principalmente na Idade Média:

O discurso grego, matriz filosófica de outros discursos, conjuga-se, na Idade Média com o discurso clerical, em que a origem desvalorizada do feminino em Aristóteles sofre uma mudança moral com a construção do mito da Virgem Maria. Dessa forma, o discurso da natureza feminina, os mitos de mulher e mãe, conjugado com o discurso judaico-cristão “predestina” as mulheres para as tarefas da maternidade (TEDESCHI, 2012, p. 17).

Quando vislumbra-se os vários aspectos da condição da mulher dentro da história, é possível identificar que ela é foi retratada pelas categorias diferentes e

exclusão. Os períodos que se estendem desde o século XIX ao XX retratam-na como ama de leite, operária ou submissa. E essa imagem que posteriormente foi recusado pelo movimento feminista.

Além disso, os estudos com essa nova temática, desde sua gênese, passou por uma série de dificuldade. Não só pela falta de crédito dado para os historiadores que estudavam a mulher como também a falta de fontes, por exemplo. Em se tratando de fontes, muitos diários foram queimados por elas mesmas como uma tentativa de colocar às ocultas.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Os estudos de gênero são consequências de uma série de mudanças que ocorreram após os anos de 1920. Antes do início do século XX, tinha-se uma história positivista que satisfazia métodos das ciências da natureza. A chamada Escola Metódica ou Positivista, a qual afirmava que a história deveria seguir métodos rigorosos para poder ser considerada uma ciência.

Dessa forma, a história, vista por essa perspectiva, selecionava o que poderia ser pesquisado. Os grandes homens, heróis e burgueses se tornaram elementos que poderiam ser investigados. A ideia de tempo era sempre visto de forma linear. Ressaltamos a importância desta Escola para



firmar as bases da pesquisa histórica, bem como o desenvolvimento da crítica histórica.

A verdade histórica era o objetivo do historiador. Assim sendo, ele deveria ser neutro e imparcial em suas pesquisas. Tudo isso foi fomentado pelo precursor e representante da filosofia da história e da história científica, Leopold Von Ranke (RANKE apud BARROS, 2013). Ele estabeleceu uma série de metodologias para a investigação em história onde os documentos eram as fontes confiáveis e os fatos existiam em si, afirmando uma análise dos fatos tal como são.

Diante disso, percebe-se que a forma como a concepção ranquiana era veiculada entre os historiadores do século XIX não condizia com dinâmica real dos estudos. Sabe-se, que nos dias de hoje, o historiador dificilmente mantém-se neutro perante um fato histórico, e a história não se faz apenas pelos grandes homens. Tampouco em uma temporalidade linear.

As mudanças que ocorreram dentro da história foram provenientes de outras correntes como, por exemplo, o marxismo cuja inovação foi a introdução da economia como uma categoria importante para o estudo do historiador. As estruturas econômicas passaram a ser vislumbradas dentro das pesquisas proporcionando uma

reflexão de fatos históricos pelo viés da luta de classes.

É nesse contexto, que a partir de 1929 a História passou por uma profunda mudança que foi a Revolução historiográfica e uma quebra de paradigmas, em se tratando de análise histórica. Foi quando surgiu uma nova escola, a Escola dos *Annales*¹. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a escola questionou o estabelecido e propôs outros métodos de pesquisa. Foram metodologias que, posteriormente, contribuíram para a consolidação de distintas áreas de conhecimento nas Ciências Humanas, tais como os estudos na área de gênero, pós-coloniais, as epistemologias ao sul, multiculturalismo.

O campo disciplinar da história foi alargado com a introdução de outras disciplinas vide, geografia e sociologia. Essa interdisciplinaridade proporcionou aos novos historiadores novos aportes metodológicos que até então eram tidos como impossíveis de se estudar como: mulheres, família, negros, alimentação, cidade, dentre outros. Além disso, o conceito de longa duração passou a ser admitido em substituição ao de curta duração. Como assevera: Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009)

¹A Escola dos *Annales* foi um movimento de renovação da historiografia iniciado na França do final da década de 1920, com a fundação, por Marc Bloch e Lucien Febvre e com a publicação da revista *Anais de História Econômica e Social*.



Entretanto, a história do tempo presente possui exigências metodológicas e conceituais, para que não se transforme em repetições e conceituais, para que não se transforme em repetições de ensaios jornalísticos pouco profundos nas análises. Um pouco crucial é situar essa história dentro do conceito de contemporâneo e situar sua periodização. Com base no conceito de *longa duração*, pode-se perceber que a história do presente tem outras escalas de tempo e espaço. (BITTENCOURT, 2009, p.159).

Descontentes com uma História factual, objetiva, dos grandes homens fundamentada no Positivismo e nas abordagens ditas rankianas Ranke (RANKE apud BARROS, 2013), Marc Bloch e Lucien Febvre juntamente com um grupo de intelectuais franceses problematizaram o campo historiográfico denunciando tais abordagens como totalizantes, universalistas e abrangentes.

A Escola dos *Annales* foi aperfeiçoando-se em três fases alargando-se mais em suas reflexões e percebendo outros problemas históricos. Sabe-se que os estudos das mulheres não foram pensados em um primeiro momento pelos estudiosos da história. Foram nos anos 1960 e 1970 que houve a preocupação com a História das mulheres. Consoante com essa ideia, Gisele Ambrósio Gomes,(2009) pontua que:

[...] O surgimento da História das Mulheres. Segundo Joan Scott, o nascimento desse campo específico de pesquisa, na Europa e nos Estados Unidos, relacionou-se à política, mais precisamente à política feminista que atingiu seu ápice entre os anos de 1960 e 1970, 5 período no qual as mulheres assumiram o

controle de sua vida reprodutiva, com a disseminação da pílula anticoncepcional, e ampliaram sua participação na educação, no mercado de trabalho e na política. (GOMES, 2011, p.2).

Mas injetaram novas bases e junto com os movimentos feministas ²da década de 1960 nos Estados Unidos levantaram discussões sobre a realidade vivida pelas mulheres. O movimento feminista reivindicava novos cursos que colocasse a mulher como possíveis de serem estudadas problematizando, assim, a desigualdade de gênero existente nessa época.

No Brasil, não tardou muito aos estudos de gêneros iniciarem sua trajetória. Nas décadas de 1970 e 1980 ocorreram os primeiros passos. Os movimentos sociais formaram novas forças políticas. Entre os brasileiros, Maria Izilda S. de Mattos, foi de grande importância para problematizar estudos com as mulheres pela escassez de pesquisas que abordassem a mulher denunciando que:

Os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro.

Procurando acabar com a segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de

² Foi um amplo conjunto de movimentos de caráter político, social com ideologias e filosofias os quais tinham a finalidade de buscar direitos iguais e libertação dos padrões da sociedade patriarcal.



conhecimento histórico, levando a descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica. (MATOS, 1998, p.69).

Assim, é possível perceber que os estudos sobre gênero foram bastante discutidos pela perspectiva biológica. Nessa ótica, a mulher era vista como passiva, sujeita ao homem em uma relação vertical. Mas os estudos posteriores buscaram suscitar outro método analisando-as pelo viés do social. As relações homem e homem, mulher e mulher, homens e mulheres estudando as construções sociais.

Em face ao exposto, percebe-se que as relações de gêneros se dão em diversos espaços. Um dos espaços mais propícios para ratificar preconceitos, discriminações e manutenção do estabelecido vigente é a escola junto com o principal instrumento, livro didático. Por isso se pretende neste trabalho analisar a visibilidade da mulher nos livros didáticos de História, observando e descrevendo as imagens como elas são apresentadas e conectadas ao conteúdo de cada capítulo dos livros.

Tornaram-se importantes as pesquisas que evidenciam a relação gênero e livro didático uma vez que o livro é um instrumento ideológico e de construção de

identidade. Sabe-se que o currículo escolar não é neutro. As escolhas e decisões sobre a natureza do currículo são resultantes de relações de poder. Assim, ao analisar o livro didático requer conceber conteúdo relacionado a mulher como a concretização do posicionamento da escola face à cultura produzida pela sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo-se aprofundado no processo de estudos da mulher dentro da historiografia, percebeu-se que se deu através de diversas lutas e debates por parte do movimento feminista e dos intelectuais da historiografia. Nesse capítulo será apresentado o livro didático de História e análise da visibilidade da mulher. Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009), salienta que o livro didático é um objeto de difícil definição.

Essa mesma autora destaca que existe uma diferenciação entre o livro didático e outros livros. A preocupação das autoridades governamentais em torno das avaliações e análises dos livros escolares é algo de muito tempo. O livro de História tem sido muito vigiado por organismos internacionais no sentido de tecer críticas em torno de visões estereotipadas de determinados grupos.



Por isso que existem muitas pesquisas que apontam o livro didático como instrumento ideológico do estado, garantidor da chamada escola dualista³ e acríptico a ordem vigente, que é o capitalismo. Alline Mikaela Pereira (2013) ratifica essa informação quando diz que:

Tal representação social se configura diante das várias questões que envolvem o livro didático, conforme apresentamos na introdução deste trabalho o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura que geralmente se referem à cultura dominante burguesa e branca (PEREIRA, 2013, p.22).

Diante do exposto, percebe-se que realmente não é fácil a tarefa de análise do livro escolar, visto que eles não são neutros e cabe ao pesquisador direcionar o seu olhar para as reais deficiências de conteúdo, bem como as lacunas e erros conceituais. Bittencourt (2009) complementa essa discussão relatando onde está a problemática nas análises do livro:

No entanto, o problema de tais análises reside na concepção de que seja possível existir um livro didático ideal, uma obra capaz de solucionar todos os problemas do ensino, um substituto do trabalho do professor. O livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado (BITTENCOURT, 2009, p.300).

³ A escola dualista é um entendimento de que esta forma pessoas para o mercado de trabalho, destinada à classe proletariada, e forma para profissões de elite, destinada a burguesia.

Destarte, o livro didático ocupa diferentes funções em razão das situações escolares. Ele pode ser considerado como produto cultural ou material. Enquanto produto cultural é carregado de inúmeros valores construídos. Em sua dimensão material, está ligada a lógica da indústria, do sistema capitalista.

Assim o Estado, está sempre presente interferindo no processo de elaboração dos conteúdos escolares e em seguida avalia-lo. E esse complexo do livro permite entender o motivo dos intensos debates e críticas de que ele é alvo.

Por esses motivos citados acima se percebe que o livro didático de História pode ser utilizado como objeto de pesquisa. A autora supracitada explica que as pesquisas com livros didáticos de História tem sido dos mais visados. No Brasil esta realidade não é diferente, mas as pesquisas existentes estão voltadas para uma perspectiva ideológica.

Para tanto, a análise do livro didático nesse capítulo obedecerá três aspectos básicos que para Bittencourt (2009) é imprescindível para entender as propostas de análise. Esses aspectos são: forma, conteúdo histórico escolar e seu conteúdo pedagógico.

Na perspectiva da forma, a análise será iniciada pela capa do livro a qual fornece propriedades que perpassam pelas



cores, imagens e até mesmo o título. Às vezes na capa está, contidas informações as quais, ao serem avaliadas, o profissional percebe que há discordâncias.

É comum encontrar na capa dos livros as indicações sobre eles “estarem de acordo” com tal ou qual proposta curricular – nos tempos mais recentes, com os PCN. Tais afirmações da editora nem sempre se confirmam no interior da obra (BITTENCOURT, 2009,p.312).

Observando tal pensamento, percebe-se que na análise formal a qualidade do papel e as reproduções fazem parte do universo mercadológico. Geralmente nos livros as páginas primeiras apresentam um processo de confecção dos livros. Isso tudo é muito importante, visto que permite ao professor e aluno identificarem os autores envolvidos. Obedecendo a forma é possível perceber apresentação gráfica e como está dividido cada tópico, tais como: a introdução ou apresentação da obra, índice, glossários e a bibliografia.

Em se tratando dos conteúdos escolares, o olhar de quem analisa deve estar voltado para a concepção de história do autor, ou seja, como o livro didático de História foi construído com base nas produções historiográficas. Assim sendo, a análise da bibliografia ajuda a entender em qual tendência da História determinado autor utiliza;

Análise da bibliografia, assim como da seleção de documentos excertos de determinadas obras historiográficas, contribui para a percepção da tendência histórica predominante. A bibliografia indica também o nível de atualização do autor do livro, ao passo que a indicação de leituras complementares para professores e alunos é outro elemento importante para a verificação (BITTENCOURT, 2009, p. 313).

Pode-se observar que a autora levanta um problema que é a forma que são apresentados os conteúdos históricos. Ao conhecimento pode aparecer nos livros de forma sucinta, sem divergências desconsiderando o debate. As críticas que são feitas em torno do livro didático se dão porque é um texto impositivo e que não permite a reflexão de forma contestatória.

Dando prosseguimento aos aspectos de análise dos livros didáticos, os conteúdos pedagógicos são importantes uma vez que eles ajudam a entender a diferenciação entre formação e aprendizagem. Assim sendo, importante distinguir a capacidade que o livro tem em transmitir um acontecimento histórico e a melhor forma de apreender o conhecimento.

É importante perceber a concepção de conhecimento expressa no livro; ou seja, além de sua capacidade de transmitir determinado acontecimento histórico, é preciso identificar como esse conhecimento deve ser apreendido. O conjunto de atividades contidas em cada parte ou capítulo fornece pistas para avaliar a qualidade do texto (BITTENCOURT, 2009, p.315).



Sem sombra de dúvidas, o papel do docente enquanto mediador do conhecimento é de suma importância. (O conhecimento que está contido no livro depende de como o professor ministra suas aulas, ou seja, a aprendizagem significativa é um instrumento que favorece essa realidade.)

Uma aula de história que seja significativa é primordial que o aluno tenha a oportunidade de fazer comparações, estabelecer diferenças entre os acontecimentos históricos, bem como analisar documentos expostos nos capítulos afins de que o conhecimento em história não seja apenas uma sequência de datas, causas e consequências, simples memorização.

Agora, dar-se-á análise das imagens contidas nos livros. Para tanto, é importante destacar como será a configuração dessas análises. Foram escolhidos quatro livros didáticos de História do ensino fundamental series finais. Esses livros, são da coleção *projeto mosaico* cujos autores são Claudio Vicentino e José Bruno Vicentino da editora Scipione do ano de 2015.

O livro segue o mesmo padrão em todos os volumes. Cada volume dividido em oito módulos que abordam temas amplos, e essas por sua vez é dividido em capítulos com temas mais específicos. A abertura do livro se dá com um texto de apresentação,

introduzindo o estudante aquilo que ele descobrirá ao longo do livro ao longo do ano letivo.

Os autores tiveram a preocupação de ilustrar como a obra é estruturada. Em *por dentro da obra* são apresentadas para aluno as seções especiais. Cada módulo é formado por capítulos. No início deles estimula o educando a refletir e a relacionar passado e presente. Há também um globo e uma linha do tempo que informam os locais (onde) e as datas (quando) mais significativas do assunto tratado. É bom enfatizar que nesse trabalho se observará nas linhas do tempo em que momento a mulher é retratada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo gênero tem significação polissêmica, podendo ser utilizado para diversas e diferentes atribuições em diferentes campos do conhecimento, o que permite interpretá-lo como conceito e categoria de análise. O que realizamos em nossa pesquisa a partir da percepção e descrição dos livros didáticos escolares. É importante ressaltar que gênero, em qualquer área de conhecimento constitui os predicados ou características que uma coisa tem em comum com outra e que lhe determinam a essência, mas acrescida da diferença. Isto é válido tanto para agrupamento de indivíduos, ideias, maneira, estilo quanto para definir



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

espécie, tipo, objetos, fatos que tenham características comuns. Diante dessas imagens apresentadas, de todos os livros da coleção *Projeto Mosaico* este livro do nono ano é o que mais fala sobre a luta e as conquistas das mulheres. Assim, sendo percebe-se que a pesquisa neste livro didático no ensino de História é de grande importância, uma vez que salienta na maioria das vezes o livro é fruto de uma política de governo que pode tanto fomentar como criar novos estereótipos e preconceitos.

A mulher vista nessa coleção apresenta, ainda, como um tema diferente. Quando se olha a forma como os autores apresentam a mulher constantemente de longe vê o quanto eles foram audaciosos. Essa audácia não se dá simplesmente pela sensibilidade desses autores, mas de um produto de muitas lutas pelo movimento feminista que o próprio livro salienta. Essas imagens das mulheres serão apresentadas de forma mais claras e compreensíveis, ainda que não problematizem as questões, o que compreendemos como sendo extremamente importante e um primeiro passo para quebra de paradigmas e inclusão consistente da mulher na escrita da história da humanidade.

REFERÊNCIAS.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. Editora Brasiliense. Brasília, (Coleção Primeiros Passos)1985.

ALVES, Letícia Thaynã de Queiroz. A mulher negra no livro didático. **Anais do X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental**; ISSN: 2526-0855, 2016.

BARROS, José d'Assunção A escola dos Annales: considerações sobre a História em Movimento. **Revista História em Reflexão**. Vol.4n.8. Dourados, UFGD.Jul/dez 2010.

_____. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Revista Diálogos**. v.17, n.3, p.977-1005. Maringá, set/dez. 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.

BOURDÉ, Guy. **As escolas Históricas**. Portugal, publicações Europa-América, 1983.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

BURKE, Peter. **A escola dos Annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo, UNESP, 1997.

CARVALHO, Larissa Sousa de. A questão da Indumentária em obras de Sandro Botticelli. **IV encontro de história da arte**. IFCH/UNICAMP, 2008.

CUNHA, Maria de Fátima da. Mulher e Historiografia: da visibilidade à diferença. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 141-161, out. 2000.

FACON, Francisco José Calazans. História Cultural e História da Educação. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2002.

GOMES, Gisele Ambrósio. **História, mulher e gênero**. Virtú, Juiz de Fora, v.10, p.1-15, 2011.

MALERBA, Jurandir (org). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: contexto, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gêneros: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. **Cadernos Pagu**, 1998: pp.67-75.

PEREIRA, Aline Mikaela. A representação mulher no livro didático de história. **Medianeira**: UTFP, 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política** v. 18, nº 36: 15-23 jun. 2010.

RAGO, Margareth. **A Aventura do contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

REIS, José Carlos. A história metódica, dita “positivista”. **Revista Pós-história**, Assis, nº03, p.41-55, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TÉRTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, JOSÉ BRUNO. Projeto **Mosaico**. 6 ano. Ensino Fundamental. Anos finais. História. Editora Scipione.2015